

JORNAL DO BRASIL

ESPECIAL

Educação

Rio de Janeiro — Domingo, 12 de julho de 1981

Pesquisa adverte: o ensino atual emburrece

Regis Farr

UM mesmo teste de percepção visual foi aplicado a crianças das primeira, segunda, terceira e quarta séries de seis colégios do Rio, escolhidos por amostragem. Para os pesquisadores, o resultado foi simplesmente surpreendente: quanto mais adiantados os alunos, mais insatisfatórias as soluções. Em outro teste, as crianças foram solicitadas a representar em desenhos os problemas dados, fazendo as contas ao lado. O grau de dificuldade em desenhar a história cresceu de série para série.

Estas situações levam à conclusão de que na escola de hoje não se pensa: seguem-se trilhas preconcebidas. Ou, por outra: o ensino, da forma pela qual é praticado, não dá oportunidade ao aluno de desenvolver sua intuição e capacidade criativa, além de desprezar sua inteligência e vida real. Provocando uma aprendizagem mecanizada, a escola forma uma criança passiva, tolhida, sem espontaneidade, capaz, quando muito, de copiar o professor, mas sem iniciativa para resolver novas situações e descobrir as coisas por ela própria.

Testes e comentários são de uma equipe do GEPEM — Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática — que, por dois anos, desenvolveu trabalho em três escolas particulares do Rio, representantes do universo de escolas primárias da cidade. No mês que vem, a pesquisa será apresentada na 33ª reunião da Comissão Internacional de Estudos e Aperfeiçoamento no Ensino da Matemática, em Palanza, Itália.

Maria Laura Leite Lopes, presidente do GEPEM e coordenadora do estudo, explica que a seleção de colégios com curso normal deve-se à filosofia do grupo, de que toda mudança de ensino deve ser baseada no professor. Este, no seu entender, precisa preencher três itens básicos: dominar o conteúdo a ser ensinado, ser um psicólogo e ter didática para saber como propiciar atividades adequadas às suas crianças.

Com os resultados dos testes, os pesquisadores passaram a sugerir aos professores das escolas experimentais que não desprezassem, entre outros itens, a percepção das crianças e que não procurassem sufocá-la. Ao final do segundo ano, os resultados melhoraram bastante, o que confirmou a premissa do grupo de que o ensino pode ter sua qualidade melhorada desde que o professor conte, em sala de aula, com a assistência de um técnico com nível universitário e experiência pedagógica.